

Cândida

Maria Cândida
ou simplesmente Canda
se chamava
se tivesse chegado a vó
seria vó Candinha

uma criatura entre outras
no mundo que sou eu
mundo, mundo
vasto mundo

“Inês, sempre menininha”
me diziam umas alunas
senhoras tijucanas
me perguntando um dia
“quando é que vai crescer?”

nunca
cá estou anos depois
a lhes responder

porque aprendi a alegria de ensinar e
aprender
ainda criança
com uma criança

canda

me carregava de lá pra cá
nas brincadeiras
tínhamos a nossa escolinha
onde me ensinava
o que aprendia na sua
história do Brasil

o que terá sido a história do Brasil
ensinada por uma criança de doze anos
para outra de cinco?

conhecimento valiosíssimo
como tantos outros que carregamos por
aí
sem saber ao certo
marionetes que somos
movidos por tantos fios

quando Cândida se foi
continuou a me ensinar algumas coisas
me voltava em sonhos
por anos a fio

era tamanha a felicidade em
reencontrá-la
que a tratava com a maior delicadeza
com medo de que se fosse
novamente

com o tempo
aprendi
que as pessoas amadas
não vão embora
apenas acontece com algumas delas
de já terem morrido

mas elas não sabem bem disso
e continuam com a gente
é preciso tratá-las com cândida
ternura
para que voltem sempre.

*Trazida por Luca Leão
Poesia de Inês Carneiro
Lida por Lidiane Rodrigues*

A nobreza de Chacrinha

entre oliveiras e jaboticabeiras
todos castros

contam-se carneirinhos
rugem alguns leões
mendonças e jaguatiricas
com ou sansons
manhãs e marães

campos elisios
moreiras, laranjeiras
fonsecas e molhadas

sem eiras nem beiras
com burlas e maques

burle max
lota macedo soares
e nosso jardins sem assinatura

curtidos em pinga
e mãos tremulas
de martins
pescadores de lambari

mendes não é valente
é valença
teixeira não é só ares
é terra que trilho

constante não é o jardim
joram da fonte
ana e joaquim

árvores, genes e logias
nomes, homens e orgias

não fanfes com os de fanfi
com a boca cheia de farofa

nesse natal
tocam sinos pequeninos
e buzinas

vocês querem bacalhau?
ou presunto defumado?

boas línguas

dizem por aí
que Chacrinha não morreu

essas novas tecnologias...
fugiu para o campo
e vive alegre
casou com uma chacrete
só anda de charrete
é vizinho do seu olivério
e do castração.

vocês lembram do castração?
pois é, nem eu
confesso

mas chacrinha
cisma em me visitar
deixando no ar
um cheiro só seu

de revista cruzeiro
rede tupi de televisão
um cheiro velho

e amarelado

tem também o cheiro do estofado

que se mistura
com o das madeiras
nobres

chacrinha balança numa cadeira
estala nas tábuas corridas
e bengalas

pelas janelas do fundo
entra uma brisa fresca
de perfume caro
e raro

floresta com um toque de rosas

goiabada fresca
e botas velhas
nos armários
do quarto

azedinho de criança
correndo ao sol
lufadas de vento quente
capim
e bosta de vaca

cafezal, cafezinho
as vacas no pasto
o leite bem quentinho
o perto, o longe

qual o cheiro do longe?

*cachimbo da chica
doce azedo da pessegada
xuxu na manteiga
vivi, vovó e maria*

qual o cheiro da alegria?

*brincando
ordeno aos ventos
tragam-me os cheiros*

*terra, pedrinhas e barrancos
horta, pomar e cachoeira
rio, rego, reguinho*

cada pássaro em seu ninho

jaboticaba, jambo e carambola

*cabrestos na cocheira
capim e carrapato
cilo, cocho
e trator*

*meninhas, filhinhas, belinhas
margaridas, beijos, bocas de leão
arranha gato, mata cavalo, dormideira*

*bafinho do delem
tomando cerveja
na cachoeira*

*do tio burla
tomando pinga
na varanda*

*cremes da tia maria helena
seus ursos no armário*

*a neblina baixa
o sol que racha*

*os santinhos da tia biteca
a capelinha
dona menininha*

*os papéis do tio geraldo
lápiz e borracha
os pneus
o banco da kombi*

*os remédios do vovô fernando
éter e injeção*

pólvora e cartucho

*bolas de bilhar
war, cartas e dados
o bafinho de wiski do plininho
antonio, jairo*

*o cigarro
se foi, larguei*

*pano verde
cheira a fazenda
e esmalte vermelho
marelena, regina
isa, keti, egli*

*pano verde soa a curitiba
e cheira a consuelo*

*pano verde
pastos verdes
matas, frutas e folhas verdes
couve, feijão e xuxu*

vivi

*entre oliveiras e jaboticabeiras
silvas, souzas, matos
mares
inês é de castro
sangue azul, verde e vermelho
corre em suas veias*

*a passagem do último século
quase lhe matou
foi preciso transfusão*

*sangue bão
sangue de cazuzza e cássia éller
sangue novo, importado
cyan, magenta, yellow and black*

farmville

*nobreza é igual a nome
vaca, gente
fruta e flor*

vive e morre fácil

*entre oliveiras e jaboticabeiras.
no espírito de chacrinha e da fazenda
fazendo e refazendo
todos nós.*

*Trazida por Luca Leão
Poesia de Inês Carneiro
Lida por Mayara Máximo*

Dádiva da Vida

Tempo a que te dedico?
Te jogo fora como se fosse sua dona
E és tu que me põe cabresto
Tempo inter cruzado
Dinossauricamente presente
Em idades médio-modernas e contemporâneas

Agora
Espaço que ando ainda
Com esses mesmos pés
Nascidos de que patas?
Minhas nadadeiras para onde vão?
Sou pisciana
Eles me doem, os pés que ganhei...

Olho esse corpo arqui milenar
Quase aos 50

Dádiva da vida

Tempo
Ouro puro
Presente tempo
Tempo presente

De Malu Oliveira
2006-2010
Lido por Luca Leão

GOTAS

"NÃO SEI... SE A VIDA É CURTA
OU LONGA DEMAIS PRA NÓS,
MAS SEI QUE NADA DO QUE VIVEMOS
TEM SENTIDO,
SE NÃO TOCAMOS O CORAÇÃO DAS PESSOAS.
MUITAS VEZES BASTA SER:
COLO QUE ACOLHE,
BRAÇO QUE ENVOLVE,
PALAVRA QUE CONFORTA,
SILÊNCIO QUE RESPEITA,
ALEGRIA QUE CONTAGIA,
LÁGRIMA QUE CORRE,
OLHAR QUE ACARICIA,
DESEJO QUE SACIA,
AMOR QUE PROMOVE.
E ISSO NÃO É COISA DE OUTRO MUNDO,
É O QUE DÁ SENTIDO À VIDA.
É O QUE FAZ COM QUE ELA
NÃO SEJA NEM CURTA,
NEM LONGA DEMAIS,
MAS QUE SEJA INTENSA,
VERDADEIRA, PURA...
ENQUANTO DURAR."

"FELIZ AQUELE QUE TRANSFERE O QUE SABE E APRENDE O QUE
ENSINA"

POESIA DE CORA CORALINA

LIDO POR RONDELLY

Jardim

Por este inferno,
Este delírio,
Pros velhos anos,
Dê-me um jardim.

Pros velhos anos,
Pras velhas penas:
Anos-trabalho,
Anos-suor...

Pros velhos anos
Anos-cachorros -
Anos queimantes -
Fresco jardim.

Pra fugitiva
Sem nem - um rosto,
Nem - uma alma,
Dê-me um jardim.

Jardim sem passos!
Jardim sem olhos!
Jardim sem risos!
Jardim sem silvos!

Sem um ouvido
Sem um perfume
Sem uma alma
Dê-me um jardim

Tu me dirás: bastante
Dor tem o jardim - como você.
(Você também o deixará!)
Jardim sozinho, como você.

Este jardim pros velhos anos...
Este jardim? Mundo - talvez? -

*De Marina Tsvetáieva (poeta russa)
Retirada do livro "Indícios Flutuantes"
Lida por Mariela Martins*

O Ipê

*Quando eu era uma criança,
Na fazenda de um tio meu,
Plantei uma mudinha de Ipê,
Cresci como ela também cresceu.*

*Agora é árvore frondosa!
No inverno suas folhas caem,
Ficando somente as flores
Que os lindos colibris atraem.*

*Quando fica toda amarela,
Aos olhos de um pintor famoso,
É digna de uma aquarela.*

*Feliz em ver que ela arvorou.
Penso na idade que já temos,
Sendo que ela fica e eu vou.*

Trazida por Lia Belart

De Mario M. de Oliveira Castro

Lida por Mayara Máximo

Para meus versos, escritos num repente

Para meus versos, escritos num repente,
Quando eu nem sabia que era poeta,
Jorrando como pingos de nascente,
Como cintilas de um foguete,

Irrompendo como pequenos diabos,
No santuário, onde há sono e incenso,
Para meus versos de mocidade e morte,
- Versos que ler ninguém pensa! -

Jogados em sebos poeirentos
(Onde ninguém os pega ou pegará)
Para meus versos, como os vinhos raros,
Chegará seu tempo.

*De Marina Tsvetáieva (poeta russa)
Retirado do livro "Indícios Flutuantes"
Lido por Mariela Martins*

Para que lembres não por uma hora, nem por um aninho

Para que lembres não por uma hora, nem por um aninho -
Dou-te, querido, de presente um pentinho.

Para que das moças lembrem os jovens amados -
Há no mundo pentinhos dourados.

Para que o amado não beba sem mim -
Há no mundo pentinhos assim!

Não há no mundo mais lindo pente:
Deles são cordas os dentes.

Mal se toca - um tremor se sente
Para mim todinho, para mim somente.

Para que o amado não durma sem mim -
Há no mundo pentinhos assim!

Para que no suor e no calor da estrada
Uma versta sem mim não pareça polegada.

Para uma versta sem polegada vindo a mim -
Há no mundo pentinhos assim!

Para que o amado não viva sem mim -
De sete cordas há um pentinho assim!

*De Marina Tsvetáieva (poeta russa)
Retirado do livro "Indícios Flutuantes"
Lido por Mariela Martins*

Rondas

Rondas. Faço rondas
Talvez espirais
Largas demais
Farejo um caminho
Mas há louças pra lavar
Os dentes do filho pra lembrar de
escovar

Há deveres escolhidos...

Água do filtro a derramar

O caminho lá, circular.
O epicentro me chamando...
Sai daí, vem pra cá.
Esse "cá", conheço
Mas não é toda hora que dá

Pra evocá-lo e tocá-lo.
Talvez cigarros como ritual
Tenho tempo de comprá-los?
Depois da louça lavada
Sento pra escrever
Me prometo.
Escrever como via de aproximação
De que fonte?

Procuro a vela no interior do bicho
manjaléu
Tenho que subir a montanha e
falar com o grande mago branco
Pai de todas as cores...

A louça tá limpa.
Sento, com meu avental...

Acendi um cigarro achado
Dei o último telefonema
Daqui a pouco café...

É como trepar... a gente chega lá...
Tchaikoviski enlouqueceu ao fundo
Mudou a toada.
De calma à ebulição.
Fazer amor ou fazer arte
Os dois
Fazer o caminho pisando no
quotodiano

Quero ficar em casa
Sem televisão
Quero ficar no coração da minha
casa.
Mesmo com a poltrona que falta
E o telefone colado com
esparadrapo

Vou à esquina comprar mais
cigarros
O corpo se expande
Não tenho dor nas costas
Os ombros crescem
Estou onde estou
Pisando em folhas verdes
manchadas de amarelo
A brisa do outono é um prazer
No bar: TV, homens, cervejas,
futebol.
Vai de retro satanáis.

Luiza Castro

1998

Lido por Luca Leão